

# Algumas questões teórico-metodológicas levantadas pela análise de um *corpus* de interacções verbais na rádio

Carla Aurélia de Almeida

Universidade Aberta – Departamento de Língua e Cultura Portuguesas

## Introdução

A presente investigação<sup>1</sup> insere-se num lugar de confluência de uma multiplicidade de linhas de orientação saídas de diferentes correntes teóricas que se inscrevem na chamada Análise do Discurso (Fonseca, 1992; Schiffrin et al., 2001).

Procuramos, assim, estudar a coerência pragmático-funcional do discurso e/ou *ordem interaccional* (Goffman, 1981) presente em cinco programas de rádio com configurações enunciativo-pragmáticas específicas.

## 1. Aspectos processuais e técnicos na constituição de um *corpus* de interacções verbais na rádio: opções teóricas e caracterização da amostra

Tendo como objecto de estudo as relações interactivas e interlocutivas no discurso interaccional de rádio, o enfoque teórico e metodológico insere-se numa perspectiva semântico-pragmática da organização e funcionamento deste tipo de discurso.

Neste sentido, elegeram-se, depois de uma análise do espectro radiofónico português, cinco programas com uma clara matriz dialogal. Estes programas são constituídos por *emissões em directo* de conversas telefónicas – “radio phone-in programmes” (Hutchby, 1996) – estabelecidas entre os ouvintes/participantes (“participants”/“callers”) e os locutores (“hosts”) e, respectivamente, entre cada um destes e o *auditório* das emissões (Scannell, 1991; Fitzgerald et al., 2002)<sup>2</sup>.

A transcrição do corpus teve por base o sistema de notação da transcrição ortográfica utilizado na Linguística do Corpus Oral (Bacelar, 1987; 1996).

---

<sup>1</sup> A Comunicação que agora se apresenta enquadra-se no âmbito das actividades de investigação do nosso projecto de doutoramento, na especialidade de Linguística, inscrito na Universidade Aberta, sob a orientação da Professora Doutora Maria Emília Ricardo Marques.

<sup>2</sup> A conversação radiofónica assim instaurada apresenta, pois, um duplo circuito de comunicação: emissão-recepção ao nível dos interlocutores e recepção ao nível do *auditório*. Por sua vez, as emissões preferem o discurso dialógico, mas, por vezes, surgem sequências constituídas por três intervenientes em simultâneo: apresentador/locutor, ouvinte que telefona e convidado (“colaborador exterior”, no dizer de A.-J. Tudesq, 1984: 17) a falar com o apresentador; ouvinte que telefona e espera pela sua vez de elocução, estando em simultâneo com outro ouvinte em linha.

O corpus, recolhido e informatizado por nós com vista à elaboração da tese de doutoramento, é constituído por cerca de meio milhão de palavras e reúne participações de 474 “ouvintes”: na globalidade, há um predomínio de participações de agentes do sexo masculino; uma prevalência de proveniências regionais da Grande Lisboa e do Grande Porto; e um assinalável relevo de agentes pertencentes ao operariado industrial (grupos específicos) e às fracções intelectuais e científicas das *classes médias*. Em alguns programas específicos, estas tendências conhecem variações acentuadas.

Não obstante este enquadramento, a orientação teórica e metodológica seguida enfatiza sobretudo questões de índole qualitativa.

## 2. Grandes tendências teórico-metodológicas no domínio do estudo semântico-pragmático das interacções verbais

Tendo por base a noção de “comunicação intersubjectiva” (Benveniste, 1966), assistimos ao desabrochar de múltiplas análises: o modelo orquestral de Palo Alto (Watzlawick et al., 1972), os estudos que se fundamentam na teorização de Grice (1975; Brown; Levinson, 1978), as análises nascidas no âmbito da Psicologia Social (Forgas, 1985), o modelo de Análise Conversacional (Atkinson; Drew, 1979) e o modelo da Sociolinguística Interaccional (Gumperz, 1989b), que tem como tradição a Etnografia da Comunicação (Gumperz; Hymes, 1972).

## 3. SPEAKING: componentes do discurso em análise

Tendo especialmente em atenção alguns dos pressupostos teóricos necessários ao alargamento paradigmático subjacente às correntes da chamada Sociolinguística Interaccional e/ou Sociolinguística da Comunicação Interpessoal (Gumperz, 1989b), procurámos caracterizar os *eventos comunicativos* com base nas noções contidas na conhecida mnemónica SPEAKING e descrever a *situação de comunicação* através dos conceitos de “setting” e “scene” (Hymes, 1972: 35-71).

Circunscrevemos a nossa análise ao processo de *co-produção do sentido* (Good, 1979) desenvolvido pelos *actores sociais* (Goffman, 1981) que possibilita a *intercompreensão* e/ou “shared sense” (Garfinkel, 1967: 36) dos segmentos discursivos e a construção das suas *identidades* discursivas (Antaki; Widdicombe, 1998) de participantes no estabelecimento do *contrato sócio-verbal* (Charaudeau, 1995: 99).

Os programas em análise encenam um *discurso institucional* (cf. Drew; Heritage, 1992) constituído por interacções com uma clara diferenciação de *posições interaccionais* (Goffman, 1981): na investigação em curso, verificaremos se variáveis como sexo, região do país e grupo sócio-profissional são pertinentes para a caracterização dos intervenientes que telefonam para os programas; para a análise dos mecanismos de sequencialização discursiva que facilitam o trabalho interpretativo (cf. a noção de “membership categorization devices” de Harvey Sacks, 1995)

e para o estudo das *estratégias discursivas* utilizadas pelos participantes (Gumperz, 1982).

As práticas discursivas em análise são marcadas pelo tempo e lugar dos eventos comunicativos (“setting”) e pelas estratégias discursivas que as moldam (“scene” ou “the psychological setting”).

Os eventos comunicativos em análise apresentam circunstâncias físicas específicas (“settings”) que dizem respeito ao período de tempo dos programas e ao lugar onde ocorrem: o tempo é constituído pelo período nocturno (entre as 21h e as 6h da manhã) – tempo cíclico, com referências sistemáticas às marcas horárias, ao boletim informativo e às temperaturas – e o lugar é distanciado dado o facto de a comunicação se estabelecer entre o espaço dos ouvintes que telefonam e a estação de rádio (note-se que a inserção de um modo de comunicação privado, como o telefone, no espaço do estúdio confere a este último simultaneamente um lado público, ao entrar no mundo exterior – dando a ouvir acontecimentos e agentes no terreno – e um lado privado, entrando em casa dos ouvintes).

O espaço interaccional (Gumperz, 1989a: 9)<sup>3</sup> aberto pelas práticas discursivas em análise apresenta um estilo discursivo (“scene”) não raro informal e, em alguns segmentos, sério, noutros, de cariz mais jocoso e irónico.

A definição cultural de uma ocasião como um certo tipo de cena (“scene” ou “psychological setting”) determina os actos de discurso que a define e que são julgados como apropriados ou impróprios em relação a ela (Hymes, 1972: 60)<sup>4</sup>.

Deste modo, no discurso em análise predominam fórmulas convencionais do discurso (comportamentos verbais culturalmente padronizados), rituais sócio-verbais, estereotípias (Marques, 1995: 134-135) que se determinam em função do *relacionamento social* dos interactantes e da *posição na troca conversacional* (Hymes, 1981: 52).

Relativamente aos *participantes* (Hymes, 1972: 60), verificamos que, nas trocas verbais de rádio, o locutor de rádio/apresentador frequentemente se desmultiplica noutras vozes enunciativas e/ou enunciadores<sup>5</sup> que visam destinatários específicos e, por outro lado, temos os alocutários visados e os destinatários de actos de discurso particulares, como por exemplo, o auditório.

O locutor/apresentador<sup>6</sup> de quatro programas é do sexo masculino, sendo o de

<sup>3</sup> Cf. a seguinte afirmação de John Gumperz: “Notre but principal est de montrer comment l’idéologie imprègne les pratiques discursives en situation de face-à-face et produit un espace interactionnel dans lequel les processus sociolinguistiques inconscients d’interprétation et d’inférence conduisent à des conclusions différentes et rendent problématiques les interprétations” (Gumperz, 1989a: 9).

<sup>4</sup> Cf. a seguinte afirmação: “Speech acts frequently are used to define scenes, and also frequently judged as appropriate or inappropriate in relations to scenes” (Hymes, 1972: 60).

<sup>5</sup> Um estudo interessante, na linha de autores como Benveniste (1974), Ducrot (1984) e Bakhtin (1981), sobre as múltiplas vozes que teatralizam o discurso é o de Maria Aldina Marques (2000).

<sup>6</sup> Note-se que o locutor/apresentador é um sujeito enunciativo que assume as suas opiniões ao mesmo tempo que constitui a voz da instituição, voz do colectivo da estação de rádio a que pertence. Apresenta ainda práticas discursivas específicas do discurso de rádio, revelando-se um administrador

um dos programas do sexo feminino<sup>7</sup>. Quanto aos alocutários e destinatários, predominam intervenientes do sexo masculino, ainda que no programa mais densamente representado no corpus sejam efectivamente muito relevantes as presenças do sexo feminino.

Os objectivos visados e os objectivos atingidos (“Ends” de acordo com Hymes, 1972: 62) são diversificados, surgindo, muitas vezes, situações de litígio características de um discurso claramente opinativo ou *polémico* – discurso argumentativo-persuasivo – (Fonseca, 1992) com momentos de desequilíbrio vazados em segmentos de desacordo e momentos de equilíbrio traduzidos em sequências de acordo<sup>8</sup>.

De acordo com o conteúdo da mensagem ou sequência de actos de discurso (“Acts”<sup>9</sup>), o tom (“Key” segundo Hymes) é ora sério ora brincalhão e terá de ser analisado em particular no discurso das diferentes “personagens da enunciação” (Marques, 2000: 90).

Os canais utilizados em três programas de rádio têm uma componente oral – circuito feito pelo telefone – e escrita – envio de e-mails e de faxes para os programas – e os restantes apresentam um canal estritamente oral com recurso a telefonemas para a estação de rádio. Relacionado com os canais, devemos distinguir os *modos de uso* ou *formas de discurso* (Hymes, 1972: 63)<sup>10</sup> que dependem dos objectivos ilocutórios visados.

Entre as *formas de discurso*, encontramos os *registos* (Idem)<sup>11</sup> e os *estilos*<sup>12</sup> que dizem respeito às convenções que os intervenientes põem em acção em situações de comunicação específicas e em função da relação interlocutiva dos participantes<sup>13</sup>: as formas de tratamento, de deferência e de delicadeza (deixis social)

da palavra e simultaneamente realiza comportamentos verbais específicos das conversas nocturnas.

<sup>7</sup> Cf. também a análise da “gender difference” dos participantes de Hollway (2001: 272-283). Cf. também Kendall; Tannen (2001: 548-567) e Tannen (2001: 150-166).

<sup>8</sup> Sobre a análise de sequências de acordo e de desacordo no discurso argumentativo, cf. Fonseca (1996).

<sup>9</sup> “Message form and message content are central to the speech act and the focus of its ‘syntactic structure’; they are also tightly interdependent. Thus they can be dubbed jointly as components of ‘act sequence’ (mnemonically, A)” (Hymes, 1972: 62).

<sup>10</sup> Cf. ainda o seguinte: “Channels and forms of speech can be joined together as means of agencies of speaking and labeled, partly for the sake of the code word, partly with an eye on the use of the term *instrumental* in grammar, as *instrumentalities* (mnemonically, I)” (Hymes, 1972: 63).

<sup>11</sup> “Register has become familiar in English linguistic usage for reference to specific situations; varieties, or ‘functional varieties’, has been used in American linguistics in relation to broad domains (e.g., vernacular vs. standard)” (Idem).

<sup>12</sup> Sobre a noção de *estilo*, cf. a seguinte afirmação de Hymes “The term ‘style’ implies selection of alternatives with reference to a common frame or purpose, and so can be applied at any level of analysis. Having identified codes, varieties, registers, or even community styles, one could still speak of personal styles regard to any of them” (Hymes, 1981: 59). E ainda “(...) ‘speech styles’ more readily suggests an aspect of persons, situations and genres” (Idem).

<sup>13</sup> Cf. a seguinte afirmação de M. Emília Marques: “Registos e estilos tornam-se assim objecto de estudo com estatuto idêntico em sociolinguística, até porque ambos surgem condicionados pelo que Ervin-Tripp chamou de regras de co-ocorrência e regras de alternância (...)” (Idem, 1995: 139).

utilizadas pelos actores sociais em diferentes segmentos dos discursos dos intervenientes permitem verificar o uso diferenciado de registos e de estilos no nosso corpus e serão também nosso objecto de estudo.

Relativamente às regras que governam a fala (“Norms”)<sup>14</sup>, os participantes, na interacção, obedecem a regras convencionais – sociais – que regulam comportamentos específicos – “normas de interacção” (Hymes, 1972: 63-64). Referimo-nos especificamente às regras que regulam a vez de elocução (“turn-taking system”), às normas sociais da modéstia e da cortesia (trabalho de figuração) e às que dizem respeito a situações de comunicação específicas: o sistema de revezar-se ou de dar a vez da fala e/ou elocução (“turn-taking system”) é, por norma, no discurso em análise, feito por hetero-selecção. Com efeito, os intervenientes são seleccionados pelos *profissionais de antena* (Charaudeau, 1984: 29) que colaboram com o locutor de rádio (apresentador). Este último desempenha um papel muito activo na dinâmica das trocas<sup>15</sup>, não raro assumindo a função de organizador do discurso: cabe ao locutor de rádio (“the host”) fazer a gestão da distribuição da vez de elocução, manter ou relacionar os temas dos programas, estabelecer e zelar pela manutenção de *coerências semântico-pragmáticas interdiscursivas* (Fonseca, 1992), assegurar a hetero-selecção de outras vozes discursivas<sup>16</sup> entre as “vozes” constituídas pela entidade genericamente denominada de “ouvintes”, manter o equilíbrio das faces (“face work”) dos interactantes, gerir os efeitos de sobreposição da fala e criar interrupções que o interlocutor, a maioria das vezes, valida/ratifica como pertinentes<sup>17</sup>.

Um tal papel condutor do discurso do outro não evita, sobretudo em segmentos discursivos de maior polémica de orientação marcadamente persuasivo-argumentativa, a inversão destes papéis (cf. Hutchby, 1996). Efectivamente, não raro surgem segmentos discursivos proferidos por ouvintes que ora têm o objectivo ilocutório de reclamar a vez de elocução ora visam a sustentação, manutenção da vez (turn), sendo pertinente a análise das estratégias discursivas que procuram inverter os papéis interlocutivos e/ou papéis conversacionais e que denotam um forte envolvimento interactivo dos participantes<sup>18</sup>.

<sup>14</sup> Note-se que o termo “normas” não tem um sentido prescritivo, mas regulador da comunicação: “(...) il s’agit bien sûr des habitudes – souvent inconscientes mais plus ou moins suivies par tous – qui régissent la communication dans une communauté de sujets parlants” (Bachmann et al., 1981: 76).

<sup>15</sup> O modo como o apresentador/locutor desenvolve as emissões depende do seu sistema de representação do público-alvo, dos constrangimentos institucionais da sua profissão (Hutchby, 1996) e das características da “escrita mediática” (Charaudeau, 1984: 6).

<sup>16</sup> Bakhtin (1981: 291) usa o termo de *heteroglossia* para se referir à multiplicidade de vozes do discurso.

<sup>17</sup> Segundo Deborah Tannen, não raro os interactantes apresentam um estilo que denomina “high-involvement”, responsável por fenómenos linguísticos como sobreposições da fala, hesitações e repetições (Tannen, 2001: 157).

<sup>18</sup> Para Gumperz, o envolvimento conversacional é a base para toda a compreensão linguística: “(...) understanding presupposes conversational involvement. A general theory of discourse strategies must therefore begin by specifying the linguistic and socio-cultural knowledge that needs to be shared if conversational involvement is to be maintained, and then go on to deal with what it is about

Os processos de interpretação analisados pela Fenomenologia Social de Alfred Schutz e pela Etnometodologia de Harold Garfinkel (1967) estão intimamente relacionados com o conceito de Hymes de “normas de interpretação” (1972: 64)<sup>19</sup>. As convenções culturais reflectem estruturas sociais e económicas ligadas à posição social dos falantes e a sua compreensão requer a reconstrução de “padrões interpretativos” (“interpretative patterns”) de modo a compreender as “cenas” ou “interaccional scenes” (Coulmas, 1979: 243). Este conceito de “padrões interpretativos” ou “(...) background expectancies as a scheme of interpretation” (Garfinkel, 1967: 36) revelou-se, juntamente com a noção de “frame” e/ou “interactive frame” de Gregory Bateson (1972), de uma grande heurística, permitindo o desabrochar de análises diversificadas (e díspares) como as de E. Goffman (1974) – com o seu conceito de “frames” (“grelhas de análise”) –, as de D. Tannen (1993) e o desenvolvimento de estudos no âmbito da psicologia social (Forgas, 1985).

É nosso objectivo analisar o modo como os interactantes interpretam as *convenções situacionais* (Gibbs, 1985: 98) que fazem parte do “conhecimento social compartilhado” – “shared social knowledge” (Idem), permitindo a produção de *expectativas* que ambos os falantes têm das acções mais conformes às situações de comunicação. Os participantes apresentam assim um “repertório situacional” (Forgas, 1985: 2) que lhes possibilita a selecção dos actos de discurso mais adequados às situações de comunicação. Deste *saber compartilhado* e/ou *competência enciclopédica* faz parte a escolha do género discursivo (“Genres”) em função das situações específicas<sup>20</sup>.

Os participantes que telefonam para a estação de rádio apresentam um discurso oral espontâneo ou discurso interactivo (Bronckart, 1996: 129) com inúmeras “narrativas de experiência de vida” (Gergen, 2001: 247-268) ou “narrativas interactivas” (Bronckart, 1996: 175-176) que denotam um discurso claramente emotivo (Edwards, 2001: 245)<sup>21</sup>. Com efeito, o *género* cria um espaço comum que, segundo A.-J. Tudesq (1984: 14), provoca uma impressão de “já ouvido” que pode tornar o auditório mais fiel ao reconhecer hábitos/rotinas que, a longo prazo, necessitam também de uma mudança de formas<sup>22</sup>.

---

the nature of conversational inference that makes for cultural, subcultural and situational specificity of interpretation” (Gumperz, 1982: 2-3). Cf. também Fonseca (1996).

<sup>19</sup> Sobre as “normas de interacção” e as “normas de interpretação”, cf. a seguinte afirmação: “These two kinds of norms may be grouped together (mnemonically, N)” (Hymes, 1972: 64).

<sup>20</sup> “From one standpoint the analysis of speech into acts is an analysis of speech into instances of genres” (Hymes, 1972: 65). “A great deal of empirical work will be needed to clarify the interrelations of genres, events, acts and other components (mnemonically, G)” (Idem).

<sup>21</sup> “(...) emotion talk is part of how people live their lives (...)” (Edwards, 2001: 245). Sobre a produção de “narrativas de experiência de vida”, K. Gergen refere o seguinte: “As this delicate interdependence of constructed narratives suggests, a fundamental aspect of social life is the network of reciprocating identities” (Gergen, 2001: 258).

<sup>22</sup> De acordo com A.-J. Tudesq, com os progressos tecnológicos, o estilo falado e o discurso espontâneo foram cada vez mais praticados na rádio (Tudesq, 1984: 15).

As componentes acima referidas nas letras da palavra código SPEAKING (“settings, participants, ends, act sequences, keys, instrumentalities, norms, genres”) constituirão uma orientação analítica importante no nosso trabalho empírico.

#### 4. A competência de comunicação: dados da memória compartilhada

Um enfoque analítico na competência de comunicação dos intervenientes da interacção procurará estudar as escolhas linguísticas que o sujeito enunciador realiza entre modos de acção e estratégias discursivas culturalmente aceites, sempre de acordo com uma determinada intenção de comunicação (Gumperz, 1982).

A análise dos processos interpretativos analisa a sequência de actos de discurso na interacção como forma reveladora da relação interpessoal estabelecida pelos intervenientes – formal ou informal, mais ou menos ameaçadora para a face de ambos – e complementa-a com o levantamento dos participantes, do estatuto e da familiaridade, com a consideração das suas intenções e com a análise do quadro institucional da interacção (Kerbrat-Orecchioni, 1990: 100).

Cada participante, numa situação de comunicação específica, revela um conhecimento – comunicativo – que lhe permite a selecção linguística de *estratégias discursivas* pertencentes às diferentes variantes do seu *repertório verbal* (Gumperz, 1972). Com efeito, segundo M. Emília Ricardo Marques, “(...) qualquer escolha feita pelo sujeito enunciador entre as variantes que o seu repertório lhe oferece obedece e revela padrões sistemáticos que reflectem e que são regulados por factores sociais” (Idem, 1995: 134).

E é precisamente na mnemónica referida como SPEAKING que Hymes sumaria alguns dos *padrões verbais* existentes na comunicação interactiva.

#### Referências bibliográficas

- Antaki, Charles; Widdicombe, Sue (eds.) (1998) – *Identities in talk*, London, Sage.
- Atkinson, J.M.; Drew, Paul (1979) – *Order in court. The organisation of verbal interaction in judicial settings*, London, McMillan.
- Bacelar do Nascimento, Maria Fernanda (1987), *Contribuição para um dicionário de verbos do português. Novas perspectivas metodológicas*, Lisboa, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa/ INIC.
- (1996), “Aspectos da sintaxe do português falado (repetições lexicais e de estruturas sintácticas em produções orais: fenómenos de deslocação)” in *Actas do congresso internacional sobre o Português*, vol. I, Lisboa, A.P.L., Edições Colibri, pp. 203-221.
- Bachmann, C.; Lindenfeld, J.; Simonin, J. (1981), *Langage et communications sociales*, Paris, Hatier.
- Bakhtin, M.M. (1981), *The dialogic imagination*, Austin, The University of Texas Press.
- Bateson, Gregory (1972), *Steps to an ecology of the mind*, New York, Ballantine Books.
- Benveniste, Émile (1966), *Problèmes de linguistique générale*, I, Paris, Gallimard.
- (1974), *Problèmes de linguistique générale*, II, Paris, Gallimard.

- Bronckart, Jean-Paul (1996), *Activité langagière, textes et discours. Pour un interactionisme socio-discursif*, Paris, Delachaux et Niestlé.
- Brown, P.; Levinson, S. (1978), "Universals in language Use: Politeness phenomena" in Goody, E. (ed.), 1978, pp. 56-289.
- Charaudeau, Patrick (1995), "Une analyse sémiolinguistique du discours" in *Langages*, 117, pp. 96-111.
- Charaudeau, Patrick (org.) (1984), *Aspects du discours radiophonique*, Paris, Didier.
- Cole, P.; Morgan, J. L. (eds.) (1975), *Syntax and semantics 3: speech acts*, New York, Academic Press.
- Coulmas, Florian (1979), "On the sociolinguistic relevance of routine formulae", *Journal of pragmatics*, vol.3, n°3/4, pp. 239-266.
- Drew, Paul; Heritage, John (eds.) (1992), *Talk at work: interaction in institutional settings*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Ducrot, Oswald (1984), *Le dire et le dit*, Paris, Minuit.
- Edwards, Derek (2000), "Extreme case formulations: softeners, investment and doing nonliteral", *Research on Language and Social Interaction*, 33(4), 347-373.
- Fitzgerald, Richard; Housley, William (2002), "Identity, categorization and sequential organization: the sequential and categorical flow of identity in a radio phone-in", *Discourse & Society*, vol. 13, 5, pp. 579-602.
- Fonseca, Joaquim (1992), *Linguística e texto/discurso – teoria, descrição, aplicação*, Lisboa, Ministério da Educação/Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- (1996), "O discurso de Corte na Aldeia de Rodrigues Lobo – o Diálogo I", *Revista da Faculdade de Letras do Porto – Línguas e Literaturas*, Porto, Vol. XIII, pp. 87-145.
- Forgas, Joseph P. (ed.) (1985), *Language and social situations*, New York, Springer-Verlag.
- Garfinkel, Harold (1967), *Studies in ethnomethodology*, Englewood Cliffs, Prentice-Hall.
- Gergen, K. (2001), "Self-narration in social life", in Wetherell, M. et al., 2001, pp. 247-260.
- Gibbs, Raymond W. (1985), "Situational conventions and requests", in Forgas, Joseph P., 1985, pp. 97-110.
- Goffman, Erving (1974), *Frame analysis*, New York, Harper and Row.
- (1981), *Forms of talk*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press.
- Good, Colin (1979), "Language as social activity: negotiating conversation", *Journal of pragmatics*, 3, pp. 151-167.
- Goddy, Esther (ed.) (1978), *Questions and politeness: strategies in social interaction*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Grice, H. Paul (1975), "Logic and conversation", Cole, P.; Morgan, J. L. (eds.), 1975, pp. 41-58.
- Gumperz, John (1982), *Discourse strategies*, Cambridge, Cambridge University Press.
- (1989<sup>a</sup>), *Engager la conversation: introduction à la sociolinguistique interactionnelle*, Paris, Minuit.
- (1989<sup>b</sup>), *Sociolinguistique interactionnelle. Une approche interprétative*, La Réunion, L'Harmattan.
- Gumperz, John; Hymes, Dell (eds.) (1972), *Directions in sociolinguistics. The ethnography of communication*, New York, Holt, Rinehart and Winston.



- Hollway, W. (2001), "Gender difference and the production of subjectivity", in Wetherell, M. et al., 2001, pp. 272-283.
- Hutchby, Ian (1996), "Power in discourse: the case of arguments on a British talk radio show", *Discourse & Society*, vol. 7, 4, pp. 481-497.
- Hymes, Dell (1972), "Models of the interaction of language and social life", in Gumperz, John, J.; Hymes, Dell (eds.), 1972, pp. 35-71.
- (1981), *Foundations in sociolinguistics. An ethnographic approach*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press.
- Kendall, S.; Tannen, D. (2001), "Discourse and gender", in Schiffrin, D., et al. (eds.), 2001, pp. 548-567.
- Kerbrat-Orecchioni, Catherine (1990), *Les interactions verbales*, I, Paris, Armand Colin.
- Marques, M. Aldina (2000), *Funcionamento do discurso político parlamentar. A organização enunciativa no debate da interpelação ao Governo*, Braga, Universidade do Minho / Centro de Estudos Humanísticos.
- Marques, Maria Emília Ricardo (1995), *Sociolinguística*, Lisboa, Universidade Aberta.
- Sacks, Harvey (1995), *Lectures on conversation*, vol. I, II, Oxford/ Cambridge.
- Scannell, Paddy (ed.) (1991), *Broadcast talk*, London, Sage.
- Schiffrin, D. et al. (eds.) (2001), *The handbook of discourse analysis*, Oxford, Blackwell.
- Tannen, Deborah (ed.) (1993), *Framing in discourse*, New York, Oxford University Press.
- Tannen, Deborah (2001), "The relativity of linguistic strategies: rethinking power and solidarity in gender and dominance", in Wetherell, M. et al., 2001, pp. 150-166.
- Tudesq, A.-J. (1984), "Les conditions de production du discours radiophonique" in Charaudeau, P. (ed.) 1984, pp. 11-19.
- Watzlawick, Paul et al. (1972), *Une logique de la communication*, Paris, Seuil, 1972.
- Wetherell, M.; Taylor, S.; Yates, S.J. (eds.) (2001), *Discourse theory and practice. A reader*, London, Sage.